

OFICINA/ATELIÊ DE PINTURA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Juliane Jantsch¹

Resumo

O presente artigo foca o ensino das artes e suas possibilidades na educação básica, em especial contempla algumas vivências educativas em arte, realizadas junto aos educandos da educação em tempo integral do município de Tunápolis, SC. Inicialmente conceitua-se a importância da arte enquanto meio de expressão do ser humano ao longo da história da humanidade, bem como, da sua importância na educação. O estudo centra-se na linguagem da pintura, visto que as cores são uma forma de expressão, presentes em todo processo histórico da humanidade, além de avivarem as emoções e sentimentos de cada ser criante, e que com a magia de misturar e criar cores tornam esses sentimentos mais vivos. Desse modo, são relatadas algumas vivências de pintura realizadas no decorrer do ano letivo de 2016 na oficina de artes.

Palavras-chave: Arte, Pintura, Expressão, Magia.

1- INTRODUÇÃO

O presente artigo é o relato da experiência em arte educação realizada nas aulas da educação em tempo integral da rede municipal de Tunápolis, SC, na qual se criou uma oficina/ateliê artístico enfocando a linguagem da pintura.

Primeiramente, se realiza uma compreensão teórica acerca da arte, e sua importância na vida do homem, bem como sua importância no ensino, versando a partir de alguns autores como: Fischer (1987); Martins, Picosque e Guerra (1998); Duarte Jr (1991), Ferraz e Fusari (1998), dentre outros.

Em seguida, relata-se a experiência da oficina/ateliê artístico enfocando a linguagem pictórica, e a magia nela inerente. Relatando algumas das atividades realizadas no decorrer do ano letivo de 2016 com as crianças participantes da oficina de artes. Além de incluir escritos das crianças, colhidas a partir de um questionário descritivo, aplicado com a finalidade maior de obter subsídios para construção deste artigo, bem como realizar uma avaliação das aulas. No questionário, as crianças também tinham a possibilidade de escolher um apelido para assim serem identificados neste artigo.

¹ Pós graduada em Arteterapia, Educação e Saúde pela Unoesc – Universidade do Oeste de Santa Catarina, *campus* de São Miguel do Oeste, SC; Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Arte Plásticas, pela Unoesc – Universidade do Oeste de Santa Catarina, *campus* de São Miguel do Oeste, SC. Professora de Artes, no município de Tunápolis, SC.

As vivências são entrelaçadas com citações de escritores que versam sobre a pintura no contexto educacional, tal como Sandra Richter (2008) que igualmente relata sua experiência de pintura em sala de aula, bem como Lichtenstein (2006).

Ao final, apontam-se algumas reflexões em relação as vivências realizadas durante a oficina, bem como, algumas contribuições da arte na educação, formando seres mais críticos e sensíveis.

2- A ARTE ENQUANTO MEIO DE EXPRESSÃO

Falar da importância da pintura sem antes compreender a importância da arte é inconcebível. Atualmente, vivemos um momento em que a arte está dissipada em todos os lugares, nosso dia a dia é repleto de arte. Porém nem sempre é compreendido como tal, bem como, em algumas situações ela é banalizada e nem sempre sua importância é reconhecida.

A arte faz parte da história da humanidade, e em muitos períodos foi uma forma de registro do pensamento e dos acontecimentos de seu povo. Na história, percebe-se constantes *flashes* de produções artísticas, o que demonstra a necessidade que o homem sente de se expressar. Fischer (1987) em sua obra *A Necessidade da arte*, coloca que a busca pela arte ocorre como “[...] o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante [...]” (1987, p. 11). Segundo o autor, o homem procura ser total, dessa forma encontra na arte um meio para representar sua realidade, já que sua individualidade não o satisfaz, busca um mundo mais compreensível, e que lhe tenha significação.

[...] o homem anseia absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por entender pela ciência e pela tecnologia o seu ‘Eu’ curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu ‘Eu’ limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade (FISCHER, 1987, p. 13, grifo do autor)

A arte contribui na compreensão do próprio Eu, como forma de integrar-se ao mundo, de compreender-se e ser compreendido. Como Fischer (1987, p. 13) coloca “[...] A arte é um meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias”.

Parafraseando Fischer (1987) nos primórdios da humanidade, a arte tinha sua origem na magia: a religião, a ciência e a arte estavam todas contidas nessa magia, buscando sempre a totalidade do ser, a integração do ser com o mundo. A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.

Ferraz e Fusari argumentam “[...] O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao atingirem o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo” (1999, p. 16). A arte é um meio do homem estabelecer uma interação com a materialidade física e a subjetividade imaterial; interagindo com o mundo, deixa sua marca. Nesse mesmo sentido, pode-se citar Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 05) que comentam que a linguagem da arte foi “[...] feita para o homem mergulhar dentro de si mesmo trazendo para fora e para dentro dos outros homens as emoções do próprio homem. Sabe o homem que quando o homem quer falar ao coração dos outros homens [...] faz pela linguagem da arte [...]”.

Devido à subjetividade imaterial da linguagem da arte, ao usar formas que permitem ser interpretadas de diferentes modos, estendendo o processo educativo em arte ao que Canclini (*apud*, MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 1998, p. 16) cita “[...] a arte abrange todas aquelas atividades ou aqueles aspectos de atividades de uma cultura em que se trabalha o sensível e o imaginário, com o objetivo de alcançar o prazer e desenvolver a identidade simbólica de um povo ou de uma classe social, em função de uma práxis transformadora”. Compreendemos então, que a arte é o meio de expressão das culturas, onde são expressos fenômenos decorrentes da sensibilidade e do imaginário, formando uma identidade cultural.

A arte, como visto anteriormente, está registrada na história da humanidade como a marca de uma cultura. A arte enquanto linguagem, é apresentada por vários teóricos, cada qual expondo uma teoria. João Francisco Duarte Júnior, em seu livro *Por que arte educação* (1991), inicia defendendo que o homem precisa vivenciar os fatos inicialmente para, então, organizá-los e criar símbolos, dando um sentido à vivência, enquanto “as palavras são um ‘resumo fragmentado’ do nosso *sentir* constante. Estas procuram sempre tomar este sentir e simbolizá-lo. Buscam significá-lo e exprimí-lo” (DUARTE JR. 1991, p. 40). Ou seja, a razão está sempre procurando simbolizar o que foi ou está sendo sentido, busca significá-lo verbalmente, por meio de palavras, enquanto que a expressão “[...] diz respeito a

manifestação de sentimentos. Na expressão não se transmite um significado explícito, mas se *indicam* sensações e sentimentos [...]” (DUARTE JR, 1991, p. 40, grifo do autor).

A linguagem verbal permite traduzir, em palavras, os sentimentos, enquanto a arte procura criar formas que expressem os sentimentos humanos. Como define Duarte Jr (1991, p. 44, grifo do autor) “[...] a arte *concretiza* os sentimentos numa forma, de maneira que possamos percebê-las. As formas de arte como que ‘representam’ os sentimentos humanos”. Desta forma, a arte pode mostrar o que em palavras não é possível traduzir. A arte é um meio de representação visual das vivências do homem, permite a exteriorização de uma necessidade de revelar simbolicamente o mundo vivido, ou seja, os medos, as alegrias, enfim, os sentimentos derivados das mesmas.

A arte então possibilita expressar a imaterialidade do ser, o que Kandinsky define como espiritual, ou seja, a parte sentimental: as angústias, desejos, alegrias, enfim, todas as emoções e sentimentos que integram o ser humano. Meira ao escrever sobre a imaterialidade presente na criação artística, afirma:

O papel das imagens visuais é possibilitar viagens do pensamento fora do corpo, possibilitar configurações e relações para que o mundo, sendo redondo e desdobrável em planos multifacetados, possa pensar-se no pensamento em imagens e de modo inteiro [...] (2003, 19).

A arte permite concretizar em formas plásticas, tornando a produção e criação plástica material e concreta. Materialidade, segundo Ximenes (2000), corresponde a corpóreo, relativo à matéria e assim revela-se como figuras artísticas com diferentes sentidos.

A arte como elemento pedagógico necessita ser trabalhada por meio de vivências, Ferraz e Fusari afirmam da seguinte forma: “[...] trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura [...]) sempre articulado e complementado com as vivências e apreciações estéticas da ambivalência cultural” (1999, p.20).

Almeida em seus escritos define que:

O trabalho com artes [...] proporciona às crianças a oportunidade de desenvolver sensibilidades que tornam possível o conhecimento estético do mundo e a expansão do repertório de habilidades e experiências estéticas

que podem ser utilizadas para formar ideias e articular a expressão [...] (*in*, FERREIRA, 2001, p. 32).

Nesse contexto, compreende-se que a arte é basicamente uma interação do ser humano, entre o seu universo interior e o exterior. É a expressão da relação que o mundo exterior tem com o mundo interior, feita de forma criativa, por meio da criação e construção de símbolos que dão significado ao que se está sentindo.

A pintura como uma das linguagens plásticas é uma importante manifestação de arte. Na proposta de educação integral da Secretaria Municipal de Educação de Tunápolis está contemplada a oficina de Artes, sendo que a oficina tem duas aulas semanais, com carga horária de 1 hora e 40 minutos. Na oficina participam crianças do segundo ao quinto ano dos anos iniciais, todas ao mesmo tempo. Como está definido no PPP da escola:

A proposta metodológica de oficina pedagógica, busca apreender o conhecimento a partir do conjunto de acontecimentos vivenciais no dia-a-dia, onde a relação teoria-prática constitui o fundamento do processo pedagógico. Assim, o conceito de oficinas aplicado à educação, refere-se ao lugar onde se aprende fazendo junto com os outros. A oficina é um âmbito de reflexão e ação no qual se pretende superar a separação que existe entre teoria e a prática, entre o conhecimento e o trabalho e entre a educação e a vida. (ANDER-EGG, *apud* PPP, 2016, p. 34)

Assim, optou-se em transformar essas aulas num espaço de oficina/ ateliê de pintura, onde se desenvolvem diversas atividades enfocando essa linguagem. Bachelard (*in*, Richter, 2008, p. 43) poeticamente escreve “Penso que nenhuma arte é tão diretamente criadora, manifestamente criadora, quanto a pintura. A cor é uma força criante”. O grande artista italiano Leonardo da Vinci compartilhou da mesma ideia: “A pintura é uma poesia que se vê”.

3- VIVENCIANDO A PINTURA

Diante da compreensão da arte e também da poética inerente a pintura, passa-se a descrever as vivências realizadas no decorrer do ano letivo de 2016. Inicialmente, foram realizadas atividades de alfabetização pictórica, como por exemplo, atividades de mistura de cores a fim de que os alunos compreendessem como proceder na mistura de tintas em si, e nos resultados que obteriam, como pode ser observado na imagem abaixo. Tendo em vista que as cores fazem parte da

expressão artística, pois também permitem a expressão da subjetividade, já que carregam em si significados.



Fonte: Arquivo do autor.

Stern afirma que misturar cores no ato criador “são aventuras que é necessário não substituir pela teoria” (*apud*, RICHTER, 2008, p. 103), e essa curiosidade em descobrir novas cores, esteve muito presente nas primeiras aulas, aos poucos quando apropriam-se do conhecimento da teoria das cores, e internalizam quais cores formam outras, isso já não é mais tão importante.

Além de trabalhar com mistura de cores, foram propostas sobreposições de imagens com a finalidade de que aprendessem a realizar contornos, sendo que se passou as instruções de como deveriam direcionar o pincel para que o acabamento fique melhor, bem como o uso do pincel número 00 para realizar detalhes mais delicados.



Fonte: Trabalho da aluna Naty, arquivo próprio



Fonte: Trabalho da aluna Unicórnio, arquivo próprio

Nesse sentido, pode-se usar o comentário de Argan (*apud* RICHTER, 2008, p. 89) “a mediação instrumental não é somente uma práxis, mas um processo cognoscitivo – quanto mais complexa a mediação instrumental, mais amplo o campo da experiência”.

Em seguida, foram propostas atividades de composição de paisagens, sendo que, cada criança compôs sua paisagem a partir da observação de algumas fotografias de paisagens bem diversificadas, selecionadas da internet, bem como da explicação de como organizar uma paisagem observando a representação da perspectiva, ou seja, elementos mais próximos e mais distantes. E, ainda, enfatizou-se a questão da luz e sombra, das cores e do modo apropriado para pintura da mesma.



Fonte: trabalho da aluna Sol, arquivo próprio.



Fonte: trabalho da aluna Naty, arquivo próprio.

E, em seguida, a pintura da paisagem, que conforme Dolce e Lomazzo (*apud* LICHTENSTEIN, 2006, p. 11) afirmam é mais importante que o próprio desenho, pois “É a cor, que torna os objetos como que dotados de alma e de vida, é ela que permite pintar a carne, representar o movimento, criar a ilusão do vivo; e ela, enfim, que está na origem do prazer que o espectador sente diante de um quadro”. Pensamento observado pelo estudante Edo, ao afirmar que a pintura torna “o *desenho mais vivo*” (SIC). Complementa-se usando ainda a fala de um grande artista Cézanne (*apud* LICHTENSTEIN, 2006, p. 17) “Quando a cor surge em toda sua riqueza, a forma está em sua plenitude”.

As cores fazem parte de nossas vidas. Pedrosa assim define “Com sua magnificência, a cor integra e comanda o extraordinário espetáculo da vida” (2003,

p. 16). Desse modo, o ato de pintar parece sempre estar envolvido em uma magia, pois criar, é algo inerente ao ser humano, porém ter o poder da criação ao escolher e atribuir as cores ao que quer que seja, faz da pintura algo especial. Como pode ser observado na escrita da estudante Naty ao responder como se sente ao pintar: “*Me sinto livre para fazer o que eu quiser*” (SIC). A fala pode ser complementada com os escritos de Richter:

Pela produção pictórica as coisas nascem coloridas, nascem pela ação mesma da cor. A criança exercita as possibilidades lúdicas de poder escolher, a partir da ação provocativa da cor, a produção de mundos. Mundos afetivos. Por essa escolha, atinge a cor desejada, essa cor combativa, tão diferente da cor aceita, da cor copiada (2008, p. 50).

A mesma autora ainda afirma que o envolvimento com as cores, e mais propriamente o ato de pintar envolve a quem pinta numa afetividade mais intensa. Como diz a estudante que se identificou como Coração, pintar com tinta deixa-a: “*Alegre, feliz por que sinto que vem do meu coração*” (SIC).

Paul Klee renomado pintor, assim afirmou: “a cor apoderou-se de mim. Sei que ela me tomou para sempre. Tal é o significado deste momento abençoado. A cor e eu somos um...” (apud, PEDROSA, 2003, P. 17) é nessa magia de cores que está envolvida a arte de pintar, que como afirma a estudante Olaf: “*arte é uma coisa boa que liberta a imaginação*” (SIC); ou ainda Fabi ao afirmar que a tinta deixa o trabalho mais radiante, poderia-se completar ainda que a pintura proporciona certo relaxamento, como afirma a estudante Cami, que ao responder sobre como se sente ao pintar escreveu: “*relaxa e concentrada*” (SIC), pois faz a criança viver o presente, Buoro assim afirma:

A Arte [...] enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o universo. Por isso, a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele (1998, p. 20).

A arte, por meio da criação artística, permite as possibilidades de conscientização do seu eu, proporcionando o autoconhecimento. A ideia ainda pode ser reforçada pelas autoras, Martins, Picosque e Guerra (1998) ao comentar que a linguagem da arte é um meio de o homem mergulhar dentro de si, trazendo à tona sentimentos humanos. Aprofundando a fala do estudante Edo, quando este afirma

que “a *pintura acalma a gente*” (SIC), assim pode-se perceber o quanto este momento de criação torna-se também um momento de introspecção.

Outra atividade proposta foi à composição e pintura de uma tela, com a finalidade de aprofundar e demonstrar as habilidades desenvolvidas nas demais atividades. Nesta proposta, cada um teve a possibilidade de escolher a temática que abordaria em seu quadro, para tanto cada um, pesquisou imagens a fim de inspirar a própria produção. O momento da criação, composição e pintura das telas foi aguardado com muita ansiedade pelas crianças.

A arte educadora Anamélia Bueno Buoro (1998, p. 24), assim versa: “[...] A arte, então, aparece no mundo humano como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepção e imaginação [...]”. A fala da escritora reporta as imagens escolhidas pelas crianças, sendo que, os elementos que constituem a maior parte dos trabalhos fazem parte do dia a dia das crianças, como, por exemplo a paixão pela patinação, representada por várias crianças e que pode ser observada nas imagens, bem como, a paixão pelos personagens de desenhos animados e/ou filmes infantis, que constituem outro grande número de trabalhos, assim, como os que preferem paisagens, dentre outros mais. Veja, a seguir, algumas das produções.



Fonte: trabalho da aluna Pombinha, arquivo próprio.



Fonte: trabalho das alunas Lua e Bia, arquivo próprio.



Fonte: trabalho dos alunos Ri e Malu, arquivo próprio.



Fonte: trabalho das alunas Bibi e Miau Miau arquivo próprio.

Como os Parâmetros Curriculares Nacionais de arte definem “aprender arte envolve, [...] fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles [...]”. (*apud*, PPP, 2016, p. 39). Articulando esses três pilares da arte-educação é que se propõem momentos de produção e criação, momentos de apreciação de obras de artistas renomados, bem como de suas próprias produções e dos colegas, e a posterior reflexão. Um importante momento que acontece no decorrer das aulas é o momento de apreciação e admiração das produções, pois os estudantes acabam se focando tanto no trabalho e em seus detalhes, que acabam esquecendo de olhar o todo, e apreciá-lo, por isso em muitos momentos se propõe que a criança se afaste, tome distância, de seu trabalho e o contemple num todo, pois como afirma Bachelard “a admiração é a forma primária e ardente do conhecimento, é um conhecimento que enaltece o seu objeto, que o valoriza. Um valor, no primeiro encontro, não se avalia: admira-se” (*apud*, Richter, 2008, p. 81), e ao observar o olhar da criança se percebe, muitas vezes, um brilho e um encanto ao ver o todo.

Porém, essa paixão pelas tintas e pelas cores também não é um sentimento unânime entre os estudantes que participam da oficina, pois vários ao responder o questionário sobre como se sente ao fazer atividades de pintura com tinta afirmaram que se sente “*cansado*” (resposta de Borboleta) “*nervosa*” (resposta de Ale). A referida estudante também colocou que prefere usar lápis de cor, pois “[...] *não mancham a roupa*” (SIC).

Em compensação há também crianças que gostam de atividades com tinta pelo fato de poder se melecar, lambuzar as mãos, como Flor escreveu “*pintar com*

tinta porque eu me lambuzo as mãos” (SIC) ou ainda, Coração que afirma que com *“tinta podemos nos melear”* (SIC).

Durante o momento de criação, cada criança tem seu tempo produção, algumas são rápidas, logo tem seus trabalhos prontos, e é necessário solicitar que melhorem e enfatizem mais detalhes, melhorar contornos entre outros detalhes. Enquanto que outros levam mais tempo, e por vezes é quase necessário cobrar mais agilidade nas produções.

Busca-se também a autonomia das crianças em relação a escolha de materiais, deixando-os escolher os instrumentos e aos poucos perceber o melhor para cada parte de seu trabalho, sempre orientando-os. Para tanto,

O espaço do fazer pictórico é determinado pela sua organização e dinâmica específica, onde a criança encontra o que necessita para o exercício de qualquer linguagem plástica. É um ambiente em que torna possíveis as experiências infantis ao favorecer-lhes ações em direção a um domínio cada vez mais diferenciado dos materiais e instrumentos para a realização de imagens plásticas, (RICHTER, 2008, p. 118).

Porém, para que isso seja possível, também é focado a questão do cuidado para com os materiais, tanto durante a sua utilização, bem como sua limpeza evidenciando uma maior vida útil dos mesmos, ideia compartilhada pela arte-educadora Richter que afirma

Desde cedo as crianças podem entender que as diferentes possibilidades de explorar o uso do pincel, do rolo ou das mãos para tingir e produzir marcas não significa permissão para manchar gratuitamente os materiais comuns ou o ambiente da sala. O respeito pelo instrumento e sua conservação são aspectos extremamente importantes no processo de apropriação do ato pictórico, (2008, p. 90).

Desse modo a organização e limpeza fazem parte da aula também.

Apenas para ilustrar, durante o momento criativo, e de construção das atividades ouvem-se músicas, de diferentes gêneros: clássicas, infantis, internacionais, música popular Brasileira. Percebe-se um grande gosto pela música, até mesmo por ser uma arte muito difundida, e que, as vezes, passa até despercebida. Para compreender a importância da música traz-se Swanwick que afirma:

A razão de valorizarmos a música (...) depende de um reconhecimento de que a música é um dos grandes modos simbólicos a nós disponíveis (...).

Quando alguma obra de arte nos afeta, é mais que estimulação sensorial ou algum tipo de indulgência emocional. Estamos ganhando algum conhecimento e expandindo nossa experiência (*apud*, LOUREIRO, 2010, p. 133).

As crianças ao pensarem sobre a música durante a aula, responderam em grande peso que, a música acalma, relaxa ou ainda “*sim ajuda a me concentrar*” (CACHORRINHA, SIC), bem como, Unicórnio que afirma gostar muito da música “*porque estimula a criatividade*” (SIC), pensamento compartilhado pela colega Fabi “*sim, porque nos inspira e me deixa relaxada*” (SIC). Porém, Lua afirmou que gosta da música “*mas eu fico atrapalhada*”.

A música assim como a pintura trabalha o hemisfério direito, o lado das linguagens, das emoções, Snyders afirma:

A experiência mais familiar aos jovens é a da música que toma conta deles: sabem bem que a música não os prende apenas de um determinado lado, não os atinge só de um determinado aspecto deles mesmos, mas toca o centro de sua existência, atinge o conjunto de sua pessoa, coração, espírito, corpo. Ela nos agarra, sacode, invade, até impor-nos um determinado comportamento, um determinado jeito de ser. E com frequência, os alunos vivem a música como uma pressão em direção a movimentos ritmados e cantarolares ininterruptos. (...) Daí a intensidade soberana das emoções musicais, que também faz com que elas se estendam, ao vivo, de coração a coração (*apud*, LOUREIRO, 2010, p. 148).

Para finalizar, pode-se afirmar que a arte oportuniza ao ser humano acessar e desenvolver aspectos de sua personalidade de forma prazerosa, ajustando emoções, organizando e educando pensamentos e sentimentos, auxiliando na formação de indivíduos mais equilibrados, como está estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitado, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (BRASIL, 2001 p. 21)

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da arte oportuniza desenvolver cada criança de forma individual e torná-la mais integrada, pois a arte é um meio de organizar sentimentos, emoções e vivências, mas em especial prioriza o momento criador, em que os estudantes criam

e recriam situações de seu dia-a-dia, de forma divertida e dinâmica. Como está definido nos PCN's:

Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. (BRASIL, 2001 p. 31)

Nesse universo de magia, situa-se a pintura, linguagem abordada com ênfase na oficina de Artes, da Educação em Tempo Integral do município de Tunápolis, no ano de 2016. Oficina na qual foram elaboradas diversas atividades pictóricas, explorando inicialmente a alfabetização pictórica, onde abordou-se as cores e suas misturas possibilitando novas cores, bem como a sobreposição de imagens, envolvendo contornos e detalhes mais delicados. Bem como atividades de criação de paisagens e, ao final, a atividade da pintura em tela.

A pintura com sua magia emerge dos sonhos, das emoções e dos sentimentos, e poder torná-las vivas e coloridas é algo especial, como foi percebido na fala das crianças ao declaram que “*a arte vem do coração*” (SIC da estudante Coração), ou ainda que a tinta deixa o trabalho “*mais vivo*” (SIC do estudante Edo).

O gosto pela pintura assim como as demais linguagens só são desenvolvidas se estimuladas, o que foi percebido ao analisar as produções que evoluíram muito desde o início da oficina. Assim como o gosto de alguns estudantes, que no início ficavam na defensiva, realizavam as atividades quase que a contragosto, e hoje parecem estar menos resistentes e mais livres para criar novas possibilidades.

Pode-se concluir ainda que o tempo da aula também é algo importante, pois, a organização deve fazer parte das atividades, tanto no início, quanto a organização final, pois os educandos devem aprender também a cuidar e conservar os instrumentos usados para produção, o que muitas vezes não se consegue explorar no ensino regular, tendo em vista que a aula de 45 minutos não possibilita essa dinâmica. E ainda que, por vezes, a concentração para desenvolver a atividade não acontece no momento em que se passa pela porta de entrada da sala. As vezes é preciso olhar e apreciar seu trabalho por algum tempo até que o momento criador aflore.

Além disso, pode-se ainda comentar a importância de espaços adequados para realização das propostas plásticas: sala grande, com mesas grandes em que se trabalha em grupos, para dividir os pratos de tinta, bem como, dialogar com os colegas durante o momento criativo, mas em especial por ter a possibilidade de ter os materiais sempre à disposição no mesmo espaço.

Para finalizar, falar da satisfação em trabalhar nessa oficina e fazer parte de uma educação mais humanizadora na tentativa de tornar os estudantes mais íntegros, através de diversas possibilidades de atividades, em que se abordou em especial a linguagem pictórica, porém também proporcionou-se aos estudantes atividades de modelagem, colagem, gravura dentre outros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A secretaria, 2001.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção**. uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** 6 ed. Campinas: Papirus, 1991.

FERRAZ, Maria Heloisa C de T; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes**. Construindo caminhos. 3 ed. São Paulo: Papirus, 2001.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9 ed. Guanabara: Koogan, 1987.

LICHTENSTEIN, Jaqueline. (Org.) **A Pintura**. Vol 9. O desenho e a cor. São Paulo: Editora 34, 2006.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte**: a linguagem do mundo - poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo:FTD 1998.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

PEDROSA, Israel. **Universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

RICHTER, Ivone. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais**. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura**. Ação e paixão do conhecer. 3 ed. Porto Alegre: Editora Mediação. 2008.

TUNÁPOLIS. **Proposta Política Pedagógica**. Secretaria Municipal de Educação do município de Tunápolis, SC, 2016.

XIMENES, Sérgio. **Midicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2 ed reform. São Paulo: Ediouro, 2000.